

## WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO E DIVERSIDADE CULTURAL: ENTRE A AFIRMAÇÃO DA DIFERENÇA E A CONSTRUÇÃO DA PLURALIDADE

**José Márcio Barros**

Professor Adjunto III do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC Minas, e da Faculdade de Políticas Públicas da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. Coordenador do Observatório da Diversidade Cultural. josemarciobarros@gmail.com.

**Raquel Salomão Utsch de Carvalho**

Graduada em Jornalismo e Mestre em Comunicação Social (Puc Minas). Coordenadora de Comunicação do Observatório da Diversidade Cultural. raquel.utsch@gmail.com.

### Resumo

A produção colaborativa em redes digitais impacta as práticas do webjornalismo, potencializando, por meio do uso da Internet e mídias locativas, a criação de espaços comunicativos favoráveis à diversidade cultural? Essa é a pergunta que orienta as reflexões do texto. No contexto midiático, a associação em rede entre atores e lógicas comunicacionais distintas supera a prática que reduz o jornalismo atento à diversidade cultural à divulgação das diferenças culturais?

**Palavras-chave:** Webjornalismo participativo, Diversidade cultural, Rede

### Abstract

The collaborative production of digital networks impacts the practices of web journalism, strengthening, through the use of internet and locative media, creating favorable to cultural diversity communicative spaces? That's the question that guides the reflections of the text. In mediatized context, the association between network actors and distinct communicational logic overcomes the practice that reduces the watchful journalism and cultural diversity to the dissemination of cultural differences?

**Keywords:** Participatory web journalism, Cultural diversity, Network

### Resumen

¿La producción colaborativa de las redes digitales afecta las prácticas de periodismo web, potenciando, a través del uso de Internet y los medios locativos, la creación de espacios favorables a la diversidad cultural? Esa es la pregunta que guía las reflexiones del texto? En contexto mediatizado, ¿la asociación entre los actores de la red y la lógica comunicacional distinta supera la práctica que reduce el periodismo vigilante y la diversidad cultural para la difusión de las diferencias culturales?

**Palabras clave:** Periodismo web participativa, diversidad cultural, de red

## 1. Introdução

São vários os exemplos emblemáticos, na Internet, de registros audiovisuais produzidos sobre acontecimentos, que apresentam ao mundo testemunhos da vida cotidiana. O ataque às torres gêmeas em Nova York no ano de 2001, as imagens de uma japonesa sobre o terremoto de 11 de março de 2011 no Japão<sup>1</sup>, o tsunami no sudeste asiático (2004), as explosões no metrô de Londres (2005) e a Primavera Árabe (2010-2011) encabeçam uma longa lista de registros que invadiram os espaços jornalísticos e midiáticos. Mais recentemente, em junho de 2013, os protestos de rua no Brasil contra o aumento das passagens de ônibus e a realização da Copa do Mundo no país, dentre outras questões, explicitaram a potência das práticas de participação política contemporânea nas redes colaborativas multidimensionais<sup>2</sup>, a partir da ação das pessoas comuns no território físico.

Inseridas na lógica midiática contemporânea, essa produção amadora possibilita que o registro, na Internet, de relatos de cidadãos sobre suas vivências cotidianas dê suporte à cobertura dos veículos tradicionais em espaços de mediação jornalística (PRIMO, 2006), além de influenciar a experiência das pessoas comuns - sujeitos que, embora singulares, são desprovidos de notoriedade midiática (BRETAS, 2008). Trata-se do contexto do webjornalismo que, segundo Primo (2006), compreende as seguintes fases, desde 1996: transposição do modelo impresso para redes digitais; incorporação de elementos da web à notícia online; aprofundamento da hipertextualidade e multimodalidade por meio da convergência das mídias digitais.

Santi (2009) cita o webjornalismo de quarta geração que emprega banco de dados e gera páginas por demanda; e/ou telas com áreas de informações flexíveis que relacionam dados e campos. Palacios (2003), por sua vez, elenca as características: multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória. Canavilhas (2008) destaca, ainda, o uso de ferramentas para investigar e produzir textos, sons, imagens e animações, por meio de links.

O webjornalismo participativo, por sua vez, expande e modifica as formas de participação propiciadas pelos meios convencionais, incluindo blogs e blogosfera, bem como sites colaborativos jornalísticos<sup>3</sup> e, ainda, por meio de comentários das pessoas comuns nas notícias e de sua atuação como repórteres cidadãos em edições on line dos veículos (RODRIGUES, 2009). Os conteúdos colaborativos inserem-se na ambiência das redes sociais, por onde circulam, são replicados e modificados.

Brasil e Migliorin (2010, on line) enfatizam o estatuto das imagens contemporâneas, nesse contexto, que passa pela disputa em torno da modulação e agenciamento destas: a demanda pela emergência da “vida real” atende ao apelo realista intensificado por essas práticas, quanto mais atende ao efeito de participação. Cresce, nesse sentido, a força das “estratégias sensíveis” (SODRÉ, 2006), baseadas na presença da imagem, que se articulam no plano dos jogos intersubjetivos das vinculações sociais e permitem a partilha de vivências. A tecnologia favorece a produção de imagens sobre o cotidiano, o que, lembrando Sodré (2006), contribui para constituição de uma comunidade afetiva, sob forte influência do signo estético. “A vinculação aparece como a estratégia sensível que institui a essência do processo comunicativo” (SODRÉ, 2006, p.93).

Os registros produzidos por pessoas comuns integram-se à produção dos meios e por estes são influenciados, conforme suas lógicas de produção. Situam-se no contexto da glocalização da economia e da cultura, incluindo processos culturais de ruptura, mas também de continuidades e hibridações (SANTAELLA, 2007). Contextos colaborativos de mediação jornalística são demarcados pela “cultura da convergência” que conjuga participação popular e interesses empresariais, por meio da interseção das tecnologias, indústrias e audiências (JENKIS, 2008).

Refere-se aqui à ambiência da midiatização, espaço social de interpretação e reconfiguração das informações, que abrange a construção dos discursos e espaços de interlocução (ANTUNES; VAZ, 2006). A midiatização reflete, portanto, modos de ser configurados por influência dos usos sociais dos meios midiáticos que modelam as interações, ou as formas operacionais da mediação (SODRÉ, 2002).

Castells (2009) destaca que a lógica midiática tem reforçado a audiência, ao garantir visibilidade e credibilidade aos conteúdos dos colaboradores. Fausto Neto (2009, p. 21) especifica o impacto dessas questões para instituições jornalísticas: “É no âmbito das práticas sociais que tais funcionamentos técnico-discursivos tomam forma. A produção da noticiabilidade se vê atravessada por lógicas e operações que remetem à existência de uma nova interface entre jornais/fontes e jornal/leitor”.

## **2. Participação em rede e diversidade cultural**

A produção de conteúdos sobre o cotidiano expande-se por meio de tecnologias digitais associadas a recursos hipermidiáticos, com decrescente custo de produção, razoável qualidade técnica e diferencial da portabilidade. Mídias locativas vinculam conteúdos a lugares, ao efetivarem a conexão/compartilhamento/escrita, releitura e ressignificação do espaço (LEMOS, 2008). Diferentemente do contexto massivo, restrito à emissão por atores corporativos, várias pessoas reúnem-se no mesmo espaço, expressando, na internet, a variedade de manifestações e a capacidade de ampla difusão desses conteúdos que se espraiam pelas conexões entre os nós da rede (KASTRUP, 2004).

A noção de rede confere, dessa forma, igual importância à atuação conjunta dos participantes humanos e não humanos, ou às mediações coordenadas em redes sociotécnicas, heterogêneas e controversas, resultantes das associações entre seus elementos (LATOURET, 2005). Universos simbólicos são construídos por meio de operações mediadoras que integram a atuação de elementos da ordem social, da linguagem e da natureza, (LATOURET 2008).

Coordenadas em redes de informação e comunicação, narrativas do cotidiano traduzem práticas culturais que dão sentido à realidade; remetem aos saberes e expressam resistências, permitindo o conhecimento do mundo (CERTEAU, 2007). Observa-se o webjornalismo participativo em redes de experiências que emergem em contextos culturais, considerando-se a cultura como principal mediação (GÓMEZ, 2006) que articula experiências e transforma os sentidos conferidos à realidade, por meio da ação comunicacional.

O webjornalismo participativo baseia-se em protocolos de comunicação típicos da cultura do compartilhamento que gera processos de pertencimento e vinculação social. As relações sociais baseadas na lógica transmissiva própria dos meios tradicionais são afetadas pela participação dos usuários, não só como receptores da informação midiática, mas como produtores desses conteúdos, como afirma Bruns (2008), os chamados “*producers*”.

Castells (2009) classifica estas formas de produção e circulação das informações como *mass self comunicacion*, relativas à produção individual e compartilhada de informações e conhecimento em redes de comunicação tecnologicamente mediadas, caracterizadas pelo multiculturalismo, cultura do consumo, customização, diferenciação, fragmentação e segmentação dos conteúdos. Para Scolari (2008), a dinâmica dos fluxos intermediários, envolvendo diferentes meios e tecnologias, caracteriza a ambiência comunicacional denominada *transmídia* (SCOLARI, 2009), referindo-se à circulação midiatizada da informação e ao alcance social desse processo comunicacional.

Teorias como *Newsmaking*<sup>4</sup>, *Gatekeeping*<sup>5</sup> e *Agenda Setting*<sup>6</sup> enfatizam a lógica transmissiva dos emissores sobre os receptores nos processos de mediação social relativos à produção e circulação de informações. Essas teorias parecem ser reconfiguradas na contemporaneidade, apontando formas híbridas de mediação jornalística, regidas por lógicas dissonantes, porém complementares<sup>7</sup>.

Critérios noticiosos conjugam-se, na Internet, a motivações e interesses das pessoas comuns e podem reconfigurar formas de registro, seleção, apresentação e compartilhamento das situações cotidianas que afetam a experiência urbana e as culturas. Essas práticas comunicacionais revelam um modo de atuação denominado *gatewatching*, processo que, para além do *gatekeeping*, avalia informações em vez de, apenas, filtrá-las (BRUNS, 2003). O processo de seleção ganha importância frente ao excesso de informação e necessidade de organização e hierarquização dos conteúdos.

Para Primo (2011), processos de *gatekeeping* e *gatewatching* convivem em sistema produtivo marcado por modos dinâmicos, flexíveis e diversificados de *gatekeeping*. Práticas do webjornalismo participativo intensificam a produção de jornalismo hiperlocal, com a reinterpretação de conteúdos ligados ao espaço onde se vive. Como ressalta Malini (2008, p.86), “criar é reunir fragmentos de estéticas disponíveis na rede para que se atribua a estes novos significados e valores. O fundamento da colaboração em nova mídia é a reinterpretação coletiva”.

Contextos colaborativos de mediação webjornalística participativa, podem, portanto, expressar e fortalecer a diversidade cultural, na medida em que resultem da participação e interação de diferentes sujeitos, em diferentes locais, colocando em conexão e circulação diferentes angulações sobre fatos do cotidiano. Desta forma, estaremos diante de práticas que contribuem para a construção de situações comunicativas favoráveis ao diálogo intercultural e ao pluralismo - na medida em que, para além da afirmação das diferenças, estabelecem trocas culturais.

A diversidade cultural é observada, nesse sentido, por meio de suas potencialidades comunicacionais ligadas às práticas de colaboração em rede e expressas nos usos e apropriações sociais do espaço do webjornalismo participativo. Ou seja, na perspectiva de um projeto político que visa à pluralidade cultural, ancorado no direito à cultura, supera-se a perspectiva da redução do conceito de diversidade ao plano da divulgação das diferenças ou de reafirmações identitárias autorreferentes.

Neste ponto, com Wolton (2004), problematiza-se o risco de se adotar a ideologia ancorada no desenvolvimento tecnológico que postula a capacidade técnica de compartilhamento das informações como mecanismo de distribuição de poder e, na realidade, esconde o desequilíbrio que continua a caracterizar e fortalecer a assimétrica configuração geopolítica mundial.

### **3. Considerações Finais**

Redes formadas em torno de práticas colaborativas demonstram como o webjornalismo vem ganhando espaço midiático na seleção de conteúdos e adoção de outros enfoques sobre as expressões culturais<sup>8</sup>, reposicionando, politicamente, sujeitos que não possuem visibilidade midiática nas grandes coberturas jornalísticas, frente às lacunas deixadas pela mídia tradicional. Em confronto com enquadramentos ancorados na lógica do contraste e hierarquização das diferenças, que legitimam interesses dominantes, essas redes tornam visíveis e valorizam pontos de vista e informações de fontes sociais diversas que atuam no debate de temas de interesse público.

No que se refere à dimensão cultural das práticas cotidianas, especificamente, permitem a produção e circulação de informações que tensionam enquadramentos estereotipados - relacionados a sujeitos e dinâmicas socioculturais tornadas invisíveis e marginais - ou, ainda, sensacionalistas, referentes a segmentos e lugares simbólicos e políticos, conformados midiaticamente segundo critérios mercadológicos incorporados à lógica midiática convencional.

Ao abordar situações representativas de identidades e demandas locais e comunitárias, por meio de enquadramentos que reconfiguram as funções sociais dos atores e seus interesses, buscam, em última instância, pressionar organizações sociais quanto à resolução de problemas coletivos, dar visibilidade às manifestações culturais locais e oferecer novos olhares e angulações sobre a realidade vivida.



### Referências

- ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo B. *Mídia, um aro, um halo e um elo*. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 43-60.
- BARROS, José Marcio, KAUARK, Giuliana, MIGUEZ, Paulo (org). *Diversidade cultural e desigualdade de trocas*. Belo Horizonte, ED PUC Minas e Itaú Cultural, 2011.
- BRASIL, André; MIGLIORIN, César. *Biopolítica do amador: generalização de uma prática, limites de um conceito*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 20, p. 84-94, dez. 2010.
- BRETAS, M. B. A. S. *Pessoas comuns e ocupações midiáticas do ciberespaço*. Logos (Rio de Janeiro), v. 29, p. 47-60, 2008.
- BRUNS, Axel (2003) *Gatewatching, not gatekeeping: Collaborative online news*. Media International Australia Incorporating Culture and Policy: quarterly journal of media research and resources, p. 31-44.
- \_\_\_\_\_. *Blogs, Wikipedia, Second Life – from production to produsage*. New York: Peter Lang Publishing, 2008.
- CANAVILHAS, João. 2008. *Webnotícia: Propuesta de Modelo Periodístico para la WWW*. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/canavilhas-Webnoticia.html>>. Acesso: 06 set. 2014.
- CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. Oxford University Press: Oxford, 2009.
- NETO, Fausto. *Jornalismo: sensibilidade e complexidade*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.17-30, dez. 2009.
- JENKIS, Henry. *Cultura da convergência*. Trad.: Susana Alexandria. São Paulo. Editora Aleph, 2009.
- KASTRUP, Virgínia. *A rede: uma figura empírica da ontologia do presente*. In: PARENTE, André (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 80-90.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red*. 1ª Ed. – Buenos Aires: Manantial, 2005.
- LEMOS, André. *Mídia locativa e territórios informacionais*. 2008. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_168.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_168.pdf)>. Acesso: 15 set. 2014.
- MALINI, Fábio. *Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo*. In: ANTOUN, Henrique (org). *Web 2.0 – participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- PALACIOS, Marcos. 2003. *Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on line: o lugar da memória*. In: MACHADO, E, Palácios, M. *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra, 2003.
- PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. *Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias*.

Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

QUANDT, C.; SOUZA, Q. (Org.). *O tempo das redes*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RODRIGUES, Catarina. *Jornalismo participativo: um conceito, diferentes práticas*. Análise de casos em Portugal e Espanha. Universidade da Beira Interior. 2009. Disponível em: <<http://migre.me/b4RCq>>. Acesso: 23 set.2014.

\_\_\_\_\_. *Linguagens Líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 117-135.

SANTI, Vilso. *O processo de apuração no jornalismo de quarta geração*. ECO-POS, vol. 12, n. 3, Setembro/Dezembro 2009. P. 181-194.

SCOLARI, Carlos. *Transmedia Storetelling: Implicit Consumers, Narrative Worlds, and Branding Contemporary Media Production*. *Internacional Journal of Comunicacion*, vol. 3, 2009. p. 586-606.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2002. p. 11-28.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2006. p. 125-197.

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Trad.: Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

## Notas

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=XVEp6A1t5ys&NR=1&feature=fvwp>>. Acesso: 15/09/2014.

<sup>2</sup> A Mostra Os Brutos, organizada a partir de convocatória feita na rede Facebook, resultou na exibição de conteúdos audiovisuais realizados por pessoas comuns que participavam e, ao mesmo tempo, registravam em vídeo os protestos nas ruas em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/637755329568008/>>. Acesso: 27 set.2014.

<sup>3</sup> Como os sites CMI (na linha ativista); Overmundo (na área cultural). Com diferentes formas e níveis de edição e moderação, Wikinews e Slashdot. Disponível em: [www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org); < <http://www.overmundo.com.br/>>; <http://www.wikinews.org/>; < <http://slashdot.org/> >. Acesso: 29 set. 2014.

<sup>4</sup> Nesta teoria, as notícias são consequência das práticas profissionais dos jornalistas, considerando-se rotinas de produção, critérios de noticiabilidade e constrangimentos organizacionais. Ver TUCHMAN, Gaye. *Making news: a study in the construction of reality*. New York: Free Press, 1978.

<sup>5</sup> Ao decidir o que é de interesse público e noticiável, o jornalista fundamenta-se na sua cultura profissional. Atua como “porteiro” (gatekeeper), termo da psicologia de Kurt Lewin apropriado pelo jornalismo nos anos 50, por David Manning White. Ver TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias, estórias*. Lisboa: Veja, 1993.

<sup>6</sup> Para a Teoria do Agendamento, formulada por McCombs e Shaw (EUA), os meios de comunicação agendam as conversas cotidianas na sociedade. Ver WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2003.

<sup>7</sup> A exemplo das seções Eu Repórter (O Globo) e Você Repórter (Portal Terra). Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/eu-reporter/>>; < <http://vcreporter.terra.com.br>>. Acesso: 29/09/2014.

<sup>8</sup> Nessa perspectiva, “Outras Palavras”, “Repórter Brasil” e “Cidades para pessoas”, abordam, respectivamente: pós-capitalismo, direitos trabalhistas e urbanismo. Disponível em: <<http://outraspalavras.net>>; <<http://reporterbrasil.org.br/>> e <<http://cidadesparapessoas.com/>>. Acesso em: 29 set. 2014.